

24/9/36

21

Para a redação de  
Jornal da Tarde,  
São Paulo, SP.

*Repostagem seu artigo*

Prezados senhores:

recebi, (com atraso), recorte da sua edição de 25/8, contendo entrevista que o sr. Jacob Klintowitz fez comigo. Não sei se seu Jornal aplica o direito à resposta. Em todo caso, como o artigo referido contém numerosos erros a serem retificados, eis a minha resposta:

O artigo propõe visão da minha maneira de ser e de comportar-me. Como tal visão não é de interesse pública, (nem do meu), abstenho-me a comentá-la. Contém também alguns dados errados da minha biografia, o que é mais incômodo, mas não reagirei por acreditar que biografias não interessam publicamente, (ou pelo menos que não devem fazê-lo). No entanto, o artigo expõe erroneamente alguns dos meus pensamentos, e como, estes sim, se destinam ao público, procurarei retificar os erros:

Imagens: Nunca sustentei o absurdo que fazer imagens tradicionais, como telas, mosaicos ou pinturas murais, é "fazer lixo". Procuro distinguir entre dois níveis de imaginação: A que abstrai uma dimensão dos corpos, e projeta volumes sobre planos. É a outra, (muito mais recente), que transcodifica conceitos em imagens. Estou mais interessado na segunda que na primeira, porque promete abrir horizontes novos não apenas para a criatividade, mas também para uma nova sensibilidade. Mas nunca me ocorreu querer negar que a primeira imaginação pode continuar a proporcionar-nos experiências profundas. Parece-me que o meu entrevistador não captou o significado que estou dando ao termo "lixo" em contexto diferente, significado que não é pejorativo.

Zona cinzenta entre ciência, técnica e arte: O meu entrevistador transmitiu o meu pensamento a este respeito com tal primitividade que o essencial se perdeu, (para não dizer: ficou deturpado). O que sujiro é isto: o fazer artístico é revelador de verdades não reconhecidas como tais pelo discurso científico, e simultaneamente o conceito científico de "verdade" está em crise. De forma que podemos começar a vislumbrar novo conceito de "verdade" que reuna e que supere a verdade artística, (autenticidade) com a verdade científica, (adequação do pensamento à coisa). Assim, "arte" seria disciplina científica, e "ciência" uma entre as artes. Procurei elaborar as possíveis consequências de tal fusão para a cultura emergente, (a pós-moderna), sobretudo no que tange a criatividade.

Política: A visão absurda que uns poucos lugares privilegiados como o são as universidades sejam atualmente os centros da decisão, que me é imputada, é diametralmente oposta ao que penso. Creio, pelo contrário, que podemos observar duas tendências opostas: A primeira tende para centralizar as decisões em aparelhos gigantescos, (poucos, talvez apenas dois), e que tais centros tendem a escapar ao controle, por se automatizarem e autonomizarem. A outra tende a ato-

mizar as decisões, e depois a ligar tais átomos por canais reversíveis. Se a primeira tendência dominar, teremos totalitarismo ainda inimaginável. Se a segunda, teremos pela primeira vez na história, verdadeira democracia. O que importa, nos dois casos, é que as categorias tradicionais do pensamento político devem ser substituídas por outras, se quisermos captar o que está acontecendo, e se quisermos influir nos acontecimentos. Procurei contribuir, em vários ensaios, para a elaboração de tais categorias novas.

Vários outros pontos contidos no artigo sob consideração falseiam o meu pensamento, sobretudo no que tange a relação "natureza-cultura". Estou propondo que o modelo clássico "o homem transforma natureza em cultura" deve ser substituído por modelo circular: "o homem transforma a natureza em cultura ao produzir, transforma cultura em lixo ao consumir, e o lixo retorna, em obediência ao segundo princípio, rumo à natureza". A vantagem do novo modelo não é apenas que corresponde melhor aos dados, mas sobretudo porque permite reversão da circulação "natureza-cultura". Por exemplo: cultura pode originar-se no lixo, (haja visto collage ou arqueologia). Estou citando este exemplo para ilustrar o quanto o artigo deforma meu pensamento ao simplificá-lo.

Este esforço de retificação não se dirige apenas ao público brasileiro, (perante o qual devo assumir responsabilidade por minhas ideias publicadas), mas também aos com os quais estou ligado com laços de amizade. Porque considero que tais laços, (de mais em mais preciosos no contexto da atomização ao qual me referi mais acima), devem ser mantidos e cultivados, sobretudo quando são expostos a corrupções do tipo do artigo aqui considerado.

Caso os senhores publicarem esta resposta, peço que me mandem recorte, e que agradeço.

Cordialmente,